



RUMI

2008

MEVLANA JALALUDDIN RUMI

Mevlana Jalaluddin Rumi nasceu em Balk, antiga Pérsia e atual Afeganistão, em setembro de 1207. Seu pai, Bahauddin Walad, foi um dos maiores eruditos de seu tempo, conhecido como *Sultan Ulema*, o Sultão dos Sábios e teve influência decisiva na formação de Rumi.

Na iminência da invasão mongol, Bahauddin migrou ao longo de alguns anos com sua família. Durante essa peregrinação, Rumi - em sua infância e adolescência - presenciou o encontro do pai com grandes mestres do Sufismo, como Faraddudin Attar.

Havia uma disputa entre os sultões e califas pela presença de seu Pai. Todos queriam construir *Madrassas* (escolas) para acomodar Bahauddin e sua família, e manter em suas cidades esta grande eminência. Mas foi em Konia, na antiga Anatólia e atual Turquia, que Bahauddin e sua família se estabeleceram.

Rumi passou por uma formação clássica que abrangia todas as áreas de conhecimento Islâmico. Ele estudou Gramática, Jurisprudência, Comentário Corânico, as tradições do Profeta, Teologia, Filosofia, Matemática, Astronomia, e foi introduzido ao conhecimento e prática do caminho Sufi. Foi enviado por seu pai às melhores escolas e logo, passou a ser reconhecido por seu brilhantismo.

Com a morte de seu pai, Rumi assumiu sua *madrassa* aos 24 anos. Ele era reverenciado por todos seus discípulos, e a população em Konia o chamava de *Mevlana* (nosso mestre).

Para compreender melhor a influência de Bahauddin sobre Rumi, segue abaixo um trecho de seu livro, o Maarif:

Se Deus diz 'Nós', significando EU SOU, então qualquer pronome que eu utilize se torna supérfluo. As designações caem como pétalas. A sabedoria vem e eu sinto tamanho deleite a me transbordar, que temo perder meus sentidos frente a isto. Eu digo a mim mesmo: amante, amado e os outros caminhos do amor não são uma única coisa?

Da mesma forma com os atributos Divinos e os seres humanos, existe a unidade no Amor. No coração não existe espaço para diferenciação, somente unidade e o Amado. Eu desistiria de livros e posses, das minhas virtudes e reputação, tudo por um único momento dentro desta presença.

Após a morte de Bahauddin, seu antigo discípulo Burhaneddin veio a Konia para completar o treinamento de Rumi. E durante muitos anos, mesmo mantendo a *madrassa* e seu papel na comunidade, Rumi devotou-se a Burhaneddin e já demonstrava o desenvolvimento do elemento que iria tornar-se central em sua vida, a compreensão do papel do Mestre, Amigo e companheiro de Jornada como reflexo da Perfeição e do Amor Divino.

Após a morte de Burhaneddin, sentindo-se maduro, Mevlana assume integralmente seu papel na *madrassa* como Mestre, e sua fama e renome espalham-se para além das fronteiras de Konia.

E então surge Shamsuddin Tabriz, o homem que iria transformar Mevlana Jalaluddin Rumi no mestre que renovou o caminho místico e influenciou outros professores e escolas além das fronteiras do Sufismo ou do Islã. Shams continua sendo uma figura enigmática, a quem muitos atribuem diversas origens e lendas. Alguns o associam à tradição Ismaelita e sua forte influência Persa, outros aos Malamati, grupo Sufi que foi chamado de Povo da Culpa por seu comportamento pouco ortodoxo.

Mas isto é apenas conjectura, pois naquela época, o Sufismo ainda apresentava muita vivacidade e liberdade e ainda não havia sido formatado em escolas, ordens ou linhagens, fenômeno que demorou um século para acontecer. Os mestres e dervixes peregrinavam pelas cidades mesclando conhecimentos e interagindo de forma mais livre. As *Madrassas* e outras instalações serviam-lhes de acomodação, mesmo se fossem dirigidas por outros mestres. Por causa dessa mescla tornou-se possível o resgate das tradições antigas e o florescimento de um conhecimento novo.

Na época de Rumi o caminho Sufi era dividido basicamente em duas linhas. A primeira, chamada de caminho dos sóbrios, com origem nos primeiros Sufis de Bagdá, que prezava o caminho do conhecimento e auto-controle e tentava manter-se em bons termos com a ortodoxia. Este caminho está geralmente associado ao nome do grande mestre Junayd, e tem em figuras como Al Gazalli um exemplo posterior.

O outro caminho, conhecido como caminho dos "Loucos de Deus", ou bêbados, está associado aos grupos de Basra e ao nome de Bayazid Bistami, e tem em Al-Hallaj, que foi sentenciado à morte, um expoente posterior.

Rumi já havia percorrido o caminho dos sóbrios e vinha vivendo de acordo com seus preceitos. Porém, a partir de seu encontro com Shams, ele descobre a dimensão do Amor, um estado tão celebrado pelos “Loucos de Deus”.

Mas é importante ter em mente que Rumi e Shams não devem ser associados com um ou outro destes caminhos. Shams era um sufi solitário e selvagem, que desdenhava da incompletude daqueles que se aprisionavam a qualquer dos dois caminhos. Um mestre, para ser digno desse título, deveria aniquilar-se na verdade e queimar suas concepções a respeito do caminho místico.

Shams, que em persa significa Sol, buscava um companheiro que compreendesse seu ardor, e se transformasse ele também, em fogo. E para que Rumi pudesse atingir sua plenitude, ele precisava queimar, tornar-se um sol. É o próprio quem Rumi diz: “Eu estava cru, e quando encontrei Shams fui cozido e me consumi”.

Mevlana, como no trecho do Maarif citado acima, abandonou os livros, o estudo, seus discípulos e reputação para mergulhar na presença de Shams. É nesta época que Rumi é introduzido aos Giros e às cerimônias de *Zikr*, e de sua *madrassa* começa a transbordar a música e poesia.

Mas da mesma forma com que surgiu, Shams some repentinamente, deixando Rumi ser consumido no fogo do Amor e da Saudade que ele o havia apresentado e que sua separação abrasava.

É de seu desespero que brotam suas poesias, que lamentam a saudade e a separação do Amigo que havia se tornado o espelho para sua alma, e em cujos olhos ele contemplava o Amor que buscava.

*Shamsuddin está eternamente vivo em meu coração.
Shamsuddin é a generosidade de toda alma.
Shamsuddin é o brilho do dia,
Shamsuddin é céu que gira.
Eu não sou o único cantando, Shamsuddin, Shamsuddin!
Os rouxinóis cantam dos jardins,
E os falcões nas montanhas.
A beleza da noite estrelada é Shamsuddin.
O jardim do Paraíso é Shamsuddin.
O Amor, a compaixão e a gratidão são Shamsuddin.
Ó Deus, mostre-me aquele local interno,
Onde sentamos juntos
Com Shams entre nós e eu ao seu lado.
Ó Shams, você é a esperança de todo coração,
Aquele por quem todo amante espera.
Ó Shams, retorne!
Não deixe minha alma em ruínas!*

Rumi enviou discípulos e o próprio filho em busca de Shams, apelando por sua volta. E quando seu filho retorna com Shams, novamente eles mergulham em seus mistérios, transformando um ao outro. Mestre e discípulo, amante, amado e amigo, todos os limites se consomem na plenitude da Presença divina.

A morte de Shams também está envolta em mistérios e alguns autores sugerem que ele tenha sido assassinato por discípulos invejosos. Depois da morte de Shams, Rumi mergulha na saudade novamente e se deixa consumir por inteiro. Mas desta vez emerge pleno na compreensão de que a separação é somente um véu, imposto pelo próprio ser humano que insiste em perpetuar sua cegueira e ignorância. Ele vê que a luz que contemplava em Shams era a Luz da Presença Divina em si, e também a Luz de sua própria Essência. Nesta transformação, Mevlana pode contemplar a própria realidade como expressão da unidade, que revela eternamente a beleza e perfeição divinas.

É deste processo que nasce toda sua arte. Nasce também o caminho que ele incita o ser humano a percorrer, composto da busca pela compreensão da potencialidade humana e das amarras que o aprisionam aos níveis mais baixos da expressão do seu eu. Esta é a parte crucial de seu legado, que muitas vezes é ignorado devido à apreciação meramente poética e superficial de seu ensinamento.

*Ó tolo, que com centenas de consentimentos e com teus próprios pés
Ingressas em uma jornada em direção a um destino cruel!
E em teus caprichos buscas estes sonhos de riqueza, poder e domínio!
Fale de Ti mesmo agora!
Tu possuis uma essência humana ou a essência bestial de um asno?*

*Não vês claramente o mal dentro de ti,
Ou então, irias te odiar com toda tua alma!*

Mas se Mevlana acusa com rigor e indignação, também instrui e orienta. Ele traz a recordação da real dimensão pessoal e também de sua total potencialidade. Ele agita as almas a romperem os grilhões que as aprisionam, abrasando os corações com a recordação do verdadeiro amado.

*Ouve,
presta atenção novamente ó viajante!
Está tarde e o sol da vida está se pondo.
Enquanto você ainda tem forças
Bata suas asas vigorosamente.
Cuidado!
Não diga Amanhã!
Porque muitos amanhãs já se passaram.
Não deixe que os dias de semeadura passem todos.*

Rumi penetra na taverna dos amantes compartilhando o vinho do amor divino, declarando as belezas e perfeição do Amado. Mas esta dimensão não deve ser associada com os êxtases que levam à perda de consciência, ou à dimensão dos “loucos de Deus”, que tanto atijam as fantasias dos aspirantes nessa jornada. Na presença de Deus esta embriagues nada mais é que a sobriedade última da contemplação de Sua Face. Por isso, Rumi declara ser necessária maturidade para trilhar o caminho do Amor, assim como para aprender os segredos do Giro. Pois mesmo ele, só foi iniciado nestes mistérios após longos anos de treinamento e transformações.

*Ó irmão,
Traga o puro vinho
Do amor e da liberdade.
Sirva o Vinho,
Pois a vida sem Amor
Não é nada a não ser morte lenta.
*
O chão e o teto dos Céus
Estão todos tingidos com vinho!
Mas quem jamais viu
Um único copo de vinho em nossas mãos?*

Para se aproximar de seu ensinamento é necessário penetrar no real significado do caminho que ele apresenta. Mas, o real significado deve ser buscado muito além de uma apreciação superficial. Ibn Arabi, um Sufi reconhecido como um dos maiores místicos da História e cujo enteado e discípulo, Sadruddin Konevi, foi amigo de Rumi, diz: “O místico não pode indicar sua dimensão a outros homens; ele pode apenas indicá-la simbolicamente para aqueles que começaram a experimentá-la por si próprios”.

Esta trajetória não se limita a leituras e aquisição de conhecimento, seja intelectual ou poético. É necessário que haja uma transformação que nasce a partir do esforço em mudar a si mesmo e desenvolver as suas potencialidades latentes.

A morte de Mevlana aconteceu em 17 de Dezembro de 1273, e segundo as descrições “transportaram seu corpo através da cidade, o povo e os nobres descobriram a cabeça, mulheres, homens e crianças assistiram ao seu enterro. Estavam presentes membros e discípulos de comunidades e nações distintas - cristãos, judeus, turcos, árabes e gregos - cada qual com seu livro sagrado. Leitores do Corão liam belos versículos, os sacerdotes rezavam as preces da ressurreição com voz melodiosa, grupos de músicos recitavam e cantavam versos e canções compostos por Mevlana.”

Mas para Mevlana a morte é o dia do retorno ao Amado, e deveria ser celebrada como o casamento da alma com Ele. Em suas próprias palavras: “Prazerosos, alegres, ébrios, aplaudamos o encontro final com o Amado”.

Além do Mathnavi, sua maior obra, ele deixou poesias que foram copiladas posteriormente, sendo a mais famosa, o Divan. Rumi também escreveu o Fihi-ma-Fihi que é uma compilação de aulas e ensinamentos sobre diversos temas dirigidos diretamente a seus discípulos.

O impacto de sua obra exerceu transcendeu os limites do Sufismo e do Islão. A universalidade e humanismo de suas idéias e posturas foram responsáveis por reunir à sua volta discípulos de todas as

religiões e tradições. Após sua morte, seu exemplo e conhecimentos foram perpetuados, influenciando não apenas todos os grandes místicos da história, mas artistas, filósofos e pensadores.

O que distingue sua poesia e idéias, bem como sua trajetória pessoal, é a forma apaixonada com que buscou, nas expressões da Beleza e do Amor, os elementos intrínsecos da relação do homem com o Criador e com a própria criação.

Rumi busca esta Beleza na música, no Giro dervixe, na poesia e em toda forma de arte, mas principalmente na própria vida.

Mevlana é o poeta do Amor, mas de uma forma de amor que não está baseado em fantasias e ilusões, mas na luta desesperada e apaixonada da alma em encontrar a Verdade. E nessa luta é possível atingir a compreensão de que tudo o que separa a alma de seu objetivo é a própria incapacidade do ser humano em atingir sua plenitude. Somente após remover os véus causados pela própria cegueira é que será possível penetrar nesta saudade e amor, que faz girar o universo, eternamente inebriado pela beleza e perfeição.

*Sou a névoa da manhã e a brisa da tarde.
Sou o vento na copa das árvores e as ondas contra o penhasco.
Sou todas as ordens de seres, e galáxias girantes,
a inteligência imutável, o ímpeto e a deserção.
Sou o que é e o que não é.
Tu, que conheces Jalaludin.
Tu, o Um em tudo,
Diz quem sou.
Diz: eu sou
Tu.*

O GRANDE SUFISMO

O Sufismo tem sido reconhecido por muitos autores como um dos representantes da espiritualidade e importante fonte de conhecimentos e práticas do caminho místico.

Seu objetivo básico é o de prover ao ser humano, um caminho abrangente de crescimento e desenvolvimento de suas potencialidades, buscando conduzir o ser humano de volta à sua dimensão de perfeição, fim último de todo caminho místico.

Muito da proeminência que o Sufismo desfruta vem do fato dele conter elementos oriundos de outras tradições e de ter dado continuidade a elas incorporando-as em seu processo. Isto acabou por conferir-lhe um caráter mais universal, mesmo estando inserido dentro do contexto do mundo Islâmico.

É possível perceber esta influência especialmente durante a Idade Média e Renascença, que se estendeu aos Cristãos, Judeus e outras escolas esotéricas. Também influenciou o desenvolvimento da Filosofia, principalmente com a tradução e divulgação dos textos gregos, Ciências como a medicina, a matemática, a astronomia, e as Artes.

Alguns autores sugerem que o início do Sufismo remonta aos indivíduos que surgiram depois da morte do profeta Maomé. Estes indivíduos se retiraram para o deserto ou áreas de menor evidência quando se iniciaram as disputas pelas sucessões dos Califas. Essa atitude buscava preservar e dar continuidade aos conhecimentos que eles haviam recebido, principalmente de Ali e de Abu Bakr, companheiros mais próximos do Profeta. Segundo a tradição, Maomé teria confiado principalmente a eles, os aspectos mais esotéricos do conhecimento que possuía, ou seja, sua dimensão mística ou espiritual.

Em contato também com outras tradições, estes indivíduos foram responsáveis pelo desenvolvimento da dimensão mística do Islã, e aos poucos formaram escolas e ganharam importância como representantes da espiritualidade.

Eles e seus discípulos começaram a ser conhecidos como Sufis, e a inserir suas escolas na comunidade, resgatando e ensinando o caminho místico da Verdade e da Unidade Divina, a exemplo do próprio Maomé. E isto não aconteceu através do ascetismo clássico de abandono e negação, mas pela verdadeira pobreza espiritual.

Nesta pobreza, o coração imerso no Amor, abandona o seu apego ao mundo para unir-se a Deus. Isso acontece sem que, necessariamente, deva-se abandonar o mundo, ou afastar-se da sociedade. Afinal, não

haveria sentido em ensinar a Unidade rejeitando uma parte da expressão do Absoluto. Como bem resume um ditado: “O sufi é aquele que está no mundo, mas não pertence a ele.”

Como seu propósito está na busca pela Presença Divina, e também por ter incorporado elementos de outras tradições, o Sufismo acabou por adquirir um caráter mais universal. E por isso também, foi muitas vezes reconhecido como a essência das religiões e da espiritualidade. Prova disso é que dentro de grupos sufis é comum encontrar-se indivíduos de diversas religiões e tradições.

*Esta irmandade
não tem nada a ver com ser elevado ou baixo,
esperto ou ignorante.
Não existe uma assembléia especial, nem um grande discurso,
nem se requer nenhum curso anterior.
Esta irmandade se parece mais com uma festa de bêbados
cheia de trapaceiros, tolos, charlatões e loucos.*

*

*Não sou deste mundo e nem do próximo;
Nem do céu, nem do inferno.
Não vim de Adão nem de Eva;
Não moro no Éden nem nos jardins do paraíso;
Meu lugar é um não lugar, minhas pegadas não deixam marca.
Nada é meu, nem corpo nem alma.
Tudo pertence ao coração do meu Amado.
Eu desvesti todas as diferenças,
E agora vejo os dois mundos como um.*

O Sufismo sempre se baseou em uma perspectiva perene e universal da espiritualidade. Por seu caráter humanista e de busca pela transcendência, ele é reconhecido como expressão e continuidade de uma tradição ainda mais antiga, responsável pela preservação e transmissão dos conhecimentos e práticas que visam o desenvolvimento do homem e da própria humanidade.

Este é o núcleo do Grande Trabalho, da tradição das Escolas de Sabedoria, que já foi representado pela Escola de Sarmung, e que também é chamado de Grande Sufismo, ou Sufismo Maior. Ele está no núcleo da própria espiritualidade, uma vez que permanece livre de qualquer outro condicionante ou estrutura, seja ela, religiosa, social ou cultural. Esta tradição foi também chamada por alguns autores de Filosofia Perene.

O Sufismo, assim como outras Escolas, recolhe e preserva o conhecimento das diversas tradições esotéricas e das outras áreas do conhecimento humano e produz um novo conhecimento, mais abrangente e adequado ao contexto cultural.

E é por isso que Sarmung, uma das últimas Escolas a cumprir este papel, tinha como símbolo a abelha, que recolhe o néctar de diversas flores, e que em sua colméia produz o mel. E é esse mel que, de tempos em tempos, é oferecido e reorienta a humanidade em seus caminhos de desenvolvimento.

Por toda esta liberdade e complexidade apresentadas acima, o Sufismo foi muitas vezes atacado dentro do próprio mundo Islâmico como sendo uma heresia. Talvez por isso, atualmente, o Sufismo venha perdendo exatamente os elementos de liberdade e universalidade que tanto o caracterizaram. Muitas vezes, acaba por restringir-se exclusivamente à perspectiva Islâmica, que jamais negou ou deixou de proteger e reverenciar, mas também à qual nunca havia se deixado aprisionar.

Outro processo bastante triste é a vulgarização do Sufismo através do oportunismo de certos indivíduos sem conexão com o processo, que surgem em função do destaque que ele recebeu nos últimos anos.

Esse padrão infelizmente vem atingindo não apenas o Sufismo. A degeneração e banalização da espiritualidade vêm se tornando um problema sério. A grande quantidade de informação tem colocado as pessoas em um grau acentuado de confusão. Por faltar referências no que diz respeito à espiritualidade é difícil desenvolver a capacidade de discriminar o que útil do que não é, e isso reduz em muito a chance de se fazer escolhas adequadas.

O objetivo não consiste em ter uma crença onde se apegar, mas sim, em procurar desenvolver uma qualidade de viver e de ser. É fundamental compreender que um caminho de desenvolvimento busca desvendar o maravilhoso mistério que se encontra em cada pessoa e em toda criação. O conhecimento

real não é simplesmente um conjunto de crenças ou dogmas, mas sim, a busca pela essência daquilo que cada um é e do significado da própria vida.

Por esse motivo nossa relação com o Sufismo não se deu através de uma dimensão religiosa, mas sim, por causa de sua característica universal. Ele expressa aspectos de uma tradição que está além de perspectivas limitantes e dogmáticas e por isso, tornou-se fundamental em nossa trajetória. Esse processo, dentro do Sufismo, ocorreu gradualmente na medida em que tais elementos foram sendo reconhecidos como um complemento importante para outras propostas e escolas de sabedoria ocidentais.

Porém, tem sido através da perspectiva do Quarto Caminho, uma expressão contemporânea da tradição perene, que temos buscado explorar e resgatar outras propostas e tradições que igualmente expressaram esta mesma perspectiva em outros momentos. Mas, como já foi apresentado por vários autores, até mesmo as formulações do Quarto Caminho parecem ter sido influenciadas pelo Sufismo, através dos contatos que Gurdjieff estabeleceu com esta tradição.

Por outro lado, ao longo de nossa experiência, compreendemos que são necessárias outras abordagens para que as experiências propostas pelo Sufismo sejam tornadas permanentes. Por isso temos adotado ao longo do tempo, uma postura mais aberta em relação a essas tradições em busca da essência destes conhecimentos e práticas.

Neste mesmo contexto, outros expoentes do Sufismo tornaram-se fonte de estudo, inspiração e influenciaram igualmente nossa trajetória. Indivíduos como Shihabuddin Surawardi, Muhidin Ibn Arabi e Jalaludin Rumi em suas buscas por revelar o mistério do homem e da criação expressaram um conhecimento próprio, fruto da transformação pessoal de cada um. Ao invés de aderirem a dogmas e repetirem comportamentos e conhecimentos, eles se tornaram fonte de novas visões de mundo que renovaram perspectivas e abriram as portas para outras dimensões e possibilidades.

Este é o valor fundamental do caminho espiritual - possibilitar o desenvolvimento do indivíduo e a extraordinária descoberta que se revela a cada um que busca apaixonadamente descobrir seu próprio mistério.

*Eu desejo ir para longe,
Centenas de milhas da mente.
Desejo me libertar do bom e do mal.
Quanta beleza por trás dessa cortina!*
*
*Existe uma alma dentro de sua alma.
Busque por ela.
Existe uma jóia na montanha que é seu corpo.
Olhe para a mina que contém essa jóia.
Ó sufî andarilho
Busque dentro de você e não fora.*

ZIKR - Recordação

O *Zikr* é uma técnica sufi que conduz o praticante a uma experiência de superação de si mesmo e de contato com o transcendente. Ele está fundamentado na repetição de algumas orações e de Atributos.

A repetição de fórmulas específicas é uma técnica presente em várias tradições diferentes. Basicamente, todas elas apresentam os mesmos objetivos que são aquietar a mente e abrir as portas para uma nova dimensão de experiências.

A palavra *Zikr* significa Recordação. No momento da prática, o indivíduo é convidado a recordar-se de alguns aspectos que permeiam toda a criação e que conferem uma razão de ser à própria realidade. Essas qualidades estão por trás da manifestação de cada uma das formas que existem. São elas que conferem a cada forma o seu propósito último e que justificam sua existência.

Essas qualidades são chamadas de Atributos ou dos “Mais Belos Nomes de Deus”. Tradicionalmente, existem 99 Nomes, cuja origem é o próprio Corão. Porém, no Sufismo se diz que as qualidades e os Nomes de Deus são infinitos, e que cabe a cada um desenvolver a capacidade de descobri-los e experimentá-los.

O *Zikr* oferece ao praticante uma oportunidade de expandir seu próprio estado de ser em direção a uma totalidade da qual ele participa. Cada Atributo remete a um núcleo de conhecimento muito específico e aponta para estados que devem ser vividos e experimentados, e paulatinamente incorporados à vida comum.

Diz-se que ao nascer, é lançado sobre o ser humano um véu de esquecimento. Esse véu oculta a verdadeira origem de cada um, e oculta também, seu real estado de ser. Se o indivíduo não busca ativamente recordar-se de quem ele é, ele permanecerá para sempre incompleto, ansiando por algo que nem sempre será possível nomear.

*Eu me pareço com um falcão doente
Preso a terra por causa de sua doença.
Não pertencço a terra
Nem sou capaz de voar para o céu.*

*

*Ó pobre falcão
Como você pode viver com estes corvos?
Você foi hipócrita
Fechando seus olhos para o amor
Enquanto o fogo brilhava em seu coração.
Como você pode esconder o amor quando as lágrimas
Fluem de seu coração como cachoeiras?*

As escolas sufis conferem muito valor a esse anseio e saudade por algo indistinto. Elas dizem que se o ser humano se deixasse guiar por isso, ele poderia ser conduzido a encontrar aquilo que lhe falta. Por essa razão, geralmente, o *Zikr* é associado com um momento de intimidade, onde o praticante pode entregar-se a essa saudade na busca por recordar-se de sua real dimensão e origem.

Cada elemento criado contém dentro de si a totalidade que lhe deu origem. Porém, na inconsciência causada pelo esquecimento, ele se torna incapaz de atingir essa totalidade. Assim, o *Zikr* oferece ao praticante uma oportunidade dele recordar-se dos elementos fundamentais que caracterizam sua existência e a justificam.

Cada Atributo é uma chave que possibilita a entrada numa dimensão que transcende a vida comum. Cada um deles oferece a oportunidade de mergulhar dentro das qualidades fundamentais que geraram e que mantêm a própria existência e a existência da criação.

No decorrer da prática deve-se deixar de lado qualquer aspecto pessoal que possa interferir no processo de Recordação. O praticante deve aprender a ser conduzido pelo ritmo do grupo, de maneira a superar seus limites até que possa atingir uma experiência verdadeira do Atributo. Nesse momento, o Atributo deixa de ser um som ou uma palavra e passa a ser experimentado como algo concreto, uma qualidade particular que permeia a realidade.

Quanto maior a concentração da atenção na repetição, no movimento ou postura corporal, na respiração, e principalmente, no significado dos atributos, mais fácil fica atingir um silêncio interno e mergulhar no objetivo do *Zikr*.

*Este vale é diferente
Para além de religiões e cultos.
Aqui, quietamente, abaixe sua cabeça
Mergulhe nas maravilhas de Deus
Aqui, não há salas para religiões ou cultos.*

Geralmente, o *Zikr* é composto dos elementos abaixo, mas essa seqüência pode variar de acordo com as necessidades do momento.

1) Abertura

Ahudu billahimina Shaitan nihajin

Buscamos proteção em Deus contra o mal

2) Al-fatiha

Bismi-Lhah ir-Rahman ir-Rahim

Em nome de Deus o Beneficente e Misericordioso

Al-handu li-Lhahi rabb il-alam
Que todas as glórias sejam para Deus, o Senhor dos mundos
Ar-Rahman, ir-Rahim
O beneficente e Misericordioso
Maliki yawm id-Din.
O Senhor do dia do julgamento.
Iyyaka na budu wa yyaka nasta in.
Só a Ti buscamos e só a Ti pedimos ajuda.
Ihdinas-sirat al-mustaquim.
Guia-nos no caminho correto
Sirat alladhina an amta alayhim
No caminho daqueles que vos amam e agradam.
Ghayril-maghudubi alayhim wa lad-dalin. Amin.
Protege-nos dos caminhos daqueles que se esqueceram e se confundiram.

3) Al-Iklas

Bismi Llha ir-Rahman ir Rahim
Em nome de Deus, o Beneficente e Misericordioso
Qul Huwa Llahu Ahad
Diga: Ele é o Uno
Allahus-Samad
Ele é o Eterno e Subsistente
Lam yalid, wa lam yulad;
Ele não gerou e nem foi gerado
Wa lam yakun lahu kufuwan Ahad.
E não há nada que se lhe compare

4) Os Atributos

Os Atributos são acompanhados de movimentos horizontais ou diagonais da cabeça. O movimento horizontal indica a negação a qualquer distração que possa desviar o praticante da recordação e invocação do Atributo.

No movimento diagonal, a cabeça volta-se ao coração, sobe à direita e volta ao coração novamente. Ao dirigir-se ao coração, é como se a pessoa “batesse à porta” dele para abri-lo. O coração é um símbolo do local onde se encontram as qualidades e atributos pessoais, e esse gesto de cabeça serviria para despertá-los. Este movimento simboliza também o preenchimento do coração pelo próprio atributo invocado.

Existem muitas referências na tradição islâmica sobre o coração, tais como: “Deus disse: A criação inteira não é capaz de me conter, mas Eu estou contido no coração de todo aquele que Me ama”. E também, “Há um polimento para tudo, e o polimento para o coração é a Recordação (ou *Zikr*)”.

Os atributos abaixo são os mais comuns. Mas, no momento do *Zikr*, eles podem variar e serem apresentados em outras seqüências. A partícula *Ya* que precede cada um dos Atributos é indicativa da conexão com o significado mais profundo do atributo. Nestas invocações o movimento da cabeça pode ser vertical ou diagonal.

Seqüência inicial de atributos:

- *Allahuma, ya-Dafi, ya-Mani, Allah* - O que Previne do mal e ajuda.
- *Ya-Hafiz, ya-Nazir, ya-Muin, Allah* - O que protege, toma conta e favorece.

Outros atributos:

- *Ya Allah* - Allah é o mais belo nome de Deus, e contém nele, todos os atributos.
- *Ya Hayy* - O Vivente, a Vida.
- *Ya Hu* – Ele, a Presença.
- *Ya Haqq* - A Verdade, o Real.
- *Ya Ahad* - O Um, o Uno, o Único.
- *Ya Rabi* - O Mestre, o Guia.
- *Ya Latif* - O Sutíl.
- *Ya Nur* - A Luz.

5) A *Shahada*

La Illaha Illa Llah – Não há deus a não ser Deus.

Essa fórmula é chamada de ‘*Shahada*’ e é uma afirmação da unidade divina.

Ela é formada por duas partes. A primeira parte - não há deus - busca conscientizar o praticante de que nada deve ser considerado como sendo ‘Deus’, ou seja, que deve ser superada a ilusão de que a realidade é algo que não Ele. A segunda - a não ser Deus – afirma que existe uma única dimensão, que a tudo abarca e unifica, que deve ser apreciada e considerada como a expressão do divino. Ou seja, basicamente, essa fórmula considera que tudo o que existe participa de uma só Unidade e que nada existe fora disso.

Ao longo dessa repetição, a cabeça pode se deslocar na diagonal ou então, fazer o movimento de uma cruz, onde ao repetir *La Illaha* (não há deus), move-se a cabeça horizontalmente, negando tudo. No momento da afirmação *illa Llah*, a cabeça se move na vertical, trazendo para dentro de si a afirmação da Unidade.

O GIRO MEVLEVI

Existe pouca informação precisa sobre as origens do Giro Mevlevi. Diversas influências parecem ter sido incorporadas no seu desenvolvimento.

Mas, parece ter sido Shams de Tabriz, de origem persa, que introduziu Rumi na técnica do Giro. Em sua expressão inicial, ainda na época de Rumi, o Giro acontecia de forma mais livre e espontânea. Ele só foi formatado como um ritual após a morte de Rumi e o estabelecimento da Ordem Mevlevi.

A Ordem Mevlevi recebeu esse nome, pelo fato de Rumi ser conhecido como *Mevlana* (nosso mestre). Ela foi formalmente instituída por seu filho, Sultan Weled. Foi ele também quem desenvolveu o formato mais ritualístico do Giro, que passou a ser chamado de *Sama*.

O *Sama* pode apresentar algumas variações, mas tradicionalmente ele é feito por um grupo de dervixes que entram na sala cerimonial com suas vestes características. A roupa branca simboliza uma mortalha, o manto negro, sua tumba, e o chapéu, geralmente feito de pelo de carneiro, simboliza sua lápide. Estas vestes declaram que o dervixe está “morto” para o mundo.

Geralmente, é colocado no chão um tapete vermelho, que simboliza as cores do céu de Konia no entardecer em que Rumi morreu e também, a presença do Xeique da Ordem, caso exista, ou a presença do próprio Rumi.

Os dervixes, ainda envoltos com o manto negro, começam a caminhar lentamente, dando três voltas no local. Ao final da terceira volta, retiram o manto negro e o Giro começa. Eles estendem os braços abertos com a palma da mão direita para cima e a esquerda para baixo. A direita busca receber as graças e a esquerda as distribui.

Ao dervixe cabe o papel de intermediário, que se coloca a serviço e estabelece um canal onde as bênçãos podem ser coletadas e distribuídas. O coração daquele que gira fica no centro do movimento, como que parado, como se tudo girasse ao seu redor.

*É necessário
maturidade para o caminho do amor.
É necessário estar fora dos problemas da terra.
Curar a própria cegueira.
A verdade preenche o universo
Você tem olhos para vê-la?
*
A fé na religião do amor é diferente.
A embriagues do vinho do amor é diferente.
É diferente de tudo o que você aprende na escola.
É diferente de tudo o que você aprende sobre o amor.*

No ritual tradicional, os dervixes param e recomeçam a girar por três vezes. Na terceira e última seqüência o Xeique e o Professor de Giro (quando estão presentes na cerimônia) giram muito lentamente numa linha que cruza o centro do grupo e se estende de leste a oeste. Eles não retiram seu manto, e apenas puxam a gola do manto deixando à vista a região do coração.

Quando os dervixes param de girar, eles se ajoelham alinhados, com os ombros encostados uns nos outros e a cerimônia termina.

Existem vários significados atribuídos ao Giro. Um deles remete a um modelo cosmológico onde cada dervixe representaria um planeta girando ao redor do Sol. Ao girar, eles celebram o desejo pela Luz da Presença no centro do grupo e neste momento, toda a criação está ali representada e participando desta comunhão.

Na época de Shams e Rumi, o modelo cosmológico era baseado no modelo dos gregos, que apresentava cada planeta como parte de uma série de esferas celestes concêntricas. Porém, a cosmologia islâmica (especialmente a de origem persa) foi desenvolvida a partir de influências não apenas dos gregos, mas também dos zoroastras (antiga Pérsia), e pelo próprio conhecimento sufi.

A tradição zoroastra conferiu vida própria a esse modelo, ao associar cada Planeta a uma Inteligência ou Verbo Divino. Esta cosmologia descreve a criação do universo a partir de uma emanção que teria dado surgimento à procissão das Esferas e Planetas como expressões da própria beleza e perfeição divinas. Essa emanção surge do ímpeto criativo expresso no imperativo primordial *Khun*, Seja! Este seria o Verbo pelo qual o Criador se torna manifesto através da criação.

Mas, associado a esse Verbo surge um outro: *Irji*, Retorna! É desse chamado que nasce o anseio e saudade da criação pelo Criador. Esses dois Verbos agem como uma força motriz que faz girar as esferas, os planetas, átomos e todo o universo. É destes Verbos que nasce o Amor que mantém a existência e a coloca em movimento. E no ser humano, é isto que dá origem à inquietude e anseio pela superação e perfeição.

O Giro nasce desses elementos. Cada vez que os dervixes abrem seus braços e se põem a girar, eles celebram a totalidade da criação, que é justificada a cada volta que eles dão ao redor de seus corações. Cada vez que seus pés tocam o chão e uma volta a mais acontece, a criação toda existe e desaparece. Ela existe devido à obediência a uma vontade maior que lhe determina a existência. Ela desaparece devido à saudade intrínseca de cada elemento pela fonte que o gerou. Ao dervixe resta o Amor, que é o bastante para que seu movimento seja perpetuado para sempre, como o é o dos Planetas que giram inebriados exatamente pelo mesmo impulso.

*O universo estava repleto de milagres.
O orvalho do amor estava misturado com a argila humana.
Centenas de sacrifícios por amor
Entraram nas veias da alma e produziram uma única gota
Que é chamada de coração.*

*

*O caminho Sufi consiste em dois passos:
Um para fora de si, e outro,
Em direção a Deus.*